intrínseca

BASEADO EM *FATOS* REAIS

DELPHINE DE VIGAN

BASEADO EM *F*ATOS REAIS

DELPHINE DE VIGAN

# BASEADO EM *F*ATOS REAIS

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI

intrínseca

Copyright © Éditions Jean-Claude Lattès, 2015

Trechos de *Misery — Louca obsessão*, de Stephen King, das páginas 7 e 183 traduzidos por Elton Mesquita, Suma de Letras, 2014.
Trecho de *A metade sombria*, de Stephen King, da página 101 traduzido por Catharina Horta Salgueiro, Círculo de Leitores, 1997.

TÍTULO ORIGINAL
D'après une histoire vraie

REVISÃO
Tamara Sender
Eduardo Rosal

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V729b

Vigan, Delphine de
Baseado em fatos reais / Delphine de Vigan ; tradução Carolina Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
256 p. ; 23 cm

Tradução de: D'après une histoire vraie
ISBN 978-85-8057-939-0
1.Romance francês. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

16-32862 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Alguns meses após o lançamento do meu último romance, parei de escrever. Durante quase três anos, não escrevi nenhuma linha. As expressões às vezes devem ser entendidas ao pé da letra: não escrevi cartas comerciais, cartões de agradecimento, cartões-postais nas férias nem listas de compras. Nada que exigisse um esforço de redação, que obedecesse a qualquer preocupação quanto à forma. Nenhuma linha, nenhuma palavra. Ver um bloco, um caderno de anotações, uma folha pautada, me dava vontade de vomitar.

Pouco a pouco, o gesto em si se tornou ocasional, hesitante, deixou de ser executado sem apreensão. O simples fato de segurar uma caneta me pareceu cada vez mais difícil.

Depois, comecei a entrar em pânico sempre que abria um arquivo de Word.

Eu procurava a melhor posição, o ângulo perfeito do monitor, esticava as pernas embaixo da mesa. E então ficava ali, imóvel, durante horas, os olhos fixos na tela.

Mais tarde, minhas mãos começaram a tremer sempre que se aproximavam do teclado.

Recusei, sem distinções, todas as propostas que me foram enviadas: artigos, contos, prefácios e outras participações em obras coletivas. Bastava ler a palavra *escrever* em uma carta ou mensagem para meu estômago embrulhar.

Escrever, eu não conseguia mais.

Escrever, de jeito nenhum.

⋆ ⋆ ⋆

Hoje sei que vários boatos correram sobre mim, nos círculos literários e nas redes sociais. Sei que foi dito que eu não escreveria mais, que tinha chegado ao fim de algo, que o fogo de palha, ou de papel, sempre acaba se apagando. O homem que amo imaginou que, ao entrar em contato com ele, eu havia perdido o ânimo ou a inspiração e que, por isso, não tardaria a deixá-lo.

Quando amigos, parentes e, às vezes, até jornalistas se aventuravam a me perguntar sobre esse silêncio, eu evocava diversos motivos e impedimentos, entre os quais figuravam o cansaço, as viagens ao exterior, a pressão ligada ao sucesso ou até o fim de um ciclo literário. Alegava falta de tempo, distração, agitação e me afastava com um sorriso cuja falsa serenidade não enganava ninguém.

Hoje sei que tudo isso era pretexto. Tudo isso não era nada.

Para meus amigos, sem dúvida cheguei a mencionar o medo. Não me lembro de ter falado de pânico, mas era justamente uma questão de *pânico*. Agora posso admitir: a escrita que me ocupava havia tanto tempo, que transformara minha existência de forma tão profunda e era tão preciosa para mim, estava me deixando em pânico.

A verdade é que, no instante em que deveria ter voltado a escrever, seguindo um ciclo que alternava períodos de latência, de incubação e de redação propriamente dita — um ciclo quase cronobiológico que eu seguia havia mais de dez anos —, logo no instante em que me preparava para começar o livro para o qual eu já havia feito certo número de anotações e coletado uma documentação abundante, conheci L.

Hoje sei que L. foi o único motivo da minha impotência. E que os dois anos que nos ligaram quase me calaram para sempre.

# I

## *Sedução*

"Como se ele fosse um personagem em uma história ou uma peça, um personagem cuja história não fosse relatada, mas criada, como ficção."

(Stephen King, *Misery — Louca obsessão*)

Gostaria de contar como L. entrou na minha vida, em que circunstâncias. Gostaria de descrever com precisão o contexto que permitiu que L. entrasse na minha esfera privada e, com paciência, a dominasse. Mas não é tão simples. E no instante em que escrevo esta frase, *como L. entrou na minha vida*, percebo que a expressão ganha pompa, um exagero desnecessário, uma maneira de dar ênfase a um drama que ainda não existe, uma vontade de anunciar uma virada ou uma reviravolta. Sim, L. *entrou na minha vida* e a virou de cabeça para baixo completamente, de forma lenta, segura, insidiosa. L. entrou na minha vida como em um palco, bem no meio da peça, como se um diretor tivesse cuidado para que tudo parasse e desse lugar a ela, como se a entrada de L. tivesse sido preparada para evidenciar sua importância, para que, naquele momento preciso, o espectador e os outros personagens em cena (e, por consequência, eu) olhassem apenas para ela, para que tudo à nossa volta se imobilizasse e a voz dela chegasse ao fundo da sala — ou seja, para que causasse impacto.

Mas estou indo rápido demais.

Conheci L. no fim de março. Em setembro, L. progredia em minha vida como uma amiga de longa data, em terreno conhecido. Em setembro já tínhamos piadas internas, uma língua comum formada por subentendidos e duplos sentidos, por olhares que bastavam para que nos entendêssemos. Nossa cumplicidade se alimentava de segredos compartilhados, mas também de frases não ditas e comentários silenciosos. Pensando em retrospecto, e dada a

violência que nossa relação adquiriu depois, eu poderia ficar tentada a dizer que L. entrou na minha vida por violação, com um único objetivo: anexar meu território. Mas isso não seria verdade.

L. entrou lentamente, com uma delicadeza infinita, e eu tive com ela momentos de uma cumplicidade impressionante.

Na tarde que antecedeu nosso primeiro encontro, eu era esperada para uma sessão de autógrafos no Salão do Livro de Paris. Lá, encontrei meu amigo Olivier, que tinha sido convidado para participar de um programa transmitido ao vivo do estande da Radio France. Misturei-me à plateia para assisti-lo. Depois, em um canto, dividimos um sanduíche com Rose, sua filha mais velha, os três sentados no carpete gasto do salão. Minha sessão de autógrafos começava às duas e meia da tarde, e tínhamos pouco tempo. Olivier logo me disse que eu parecia exausta, de verdade, e quis saber como eu estava lidando com tudo aquilo (*tudo aquilo* significava tanto o fato de ter escrito um livro muito pessoal e íntimo quanto o de esse livro ter causado imensa repercussão — repercussão que, sabia ele, eu não havia imaginado em momento algum e para a qual não estava preparada).

Depois, Olivier se ofereceu para me acompanhar e nós andamos até o estande da minha editora. Passamos diante de uma fila de espera grande, apertada. Procurei saber que autor estava na outra ponta, lembro-me de ter erguido os olhos para procurar o cartaz que mostraria o nome dele. Então Olivier sussurrou: "Acho que é para você." De fato, a fila se estendia bastante, depois virava a esquina até o estande em que eu era esperada.

Em outros tempos, e até alguns meses antes, aquilo teria me deixado muito feliz e, sem dúvida, orgulhosa. Eu havia passado horas observando leitores em diversos salões, sentada em silêncio atrás da minha pilha de livros sem que ninguém aparecesse. Conhecia aquela angústia, aquela solidão um pouco vergonhosa. Mas, naquele momento, fui invadida por uma sensação totalmente diferente, um tipo de assombro. Por um instante, uma ideia me passou pela cabeça: era demais, demais para uma única pessoa, demais para mim. Olivier me disse que me acompanharia até lá.

Meu livro havia sido lançado no fim de agosto e fazia alguns meses que eu ia de cidade em cidade, de encontros a sessões de autógrafos, de leituras a debates, em livrarias, bibliotecas, mediatecas, onde leitores cada vez mais numerosos me aguardavam.

Aquilo às vezes me sufocava, aquele sentimento de ter acertado no alvo, de ter carregado comigo, atrás de mim, milhares de leitores, essa sensação, sem dúvida mentirosa, de ter sido ouvida.

Eu havia escrito um livro sem imaginar sua força.

Eu havia escrito um livro cujo efeito ao meu redor e no seio de minha família se propagaria em várias ondas, do qual eu nunca tinha imaginado os efeitos colaterais, um livro que não tardaria a designar meus companheiros fiéis, mas também meus falsos aliados, e cujos efeitos, surgindo aos poucos, se prolongariam por muito tempo.

Nunca havia imaginado a proliferação do objeto e suas consequências, nunca havia imaginado aquela imagem de minha mãe, reproduzida às centenas e depois aos milhares, aquela foto na sobrecapa que contribuíra largamente para a propagação do texto, aquela foto que logo se dissociara dela e deixara de ser minha mãe para se tornar a personagem do romance, perturbada e turva.

Nunca havia imaginado os leitores emocionados, intimidados, nunca havia imaginado que alguns chorariam diante de mim e o quanto seria difícil não chorar com eles.

Houve a primeiríssima vez, em Lille, quando uma jovem frágil e visivelmente esgotada por várias hospitalizações me explicou que o romance dera a ela uma esperança louca, insensata, de que, apesar da doença, apesar do que tinha acontecido e não podia ser consertado, apesar do que ela havia *infligido* a eles, seus filhos talvez ainda pudessem amá-la...

E depois outra vez em Paris, em um domingo de manhã, quando um homem abalado me contou sobre seus problemas mentais, sobre o olhar dos outros em relação a ele, sobre eles, aqueles que causavam tanto medo que haviam sido postos no mesmo saco, bipolares, esquizofrênicos, depressivos, etiquetados como frangos cobertos com plástico filme de acordo com as tendências do momento e as capas de revistas, e Lucile, minha heroína intocável que conseguia reabilitar a todos.

E muitas outras pessoas, em Estrasburgo, Nantes, Montpellier, pessoas que às vezes eu sentia vontade de abraçar.

Pouco a pouco, construí com certa dificuldade uma muralha imperceptível, um cordão de isolamento que me permitia continuar, estar ali, manter

certa distância, um movimento do diafragma que bloqueava o ar na altura do esterno, formando uma almofada minúscula, um *air bag* invisível, que eu acabava expirando pela boca aos poucos, depois que o perigo havia passado. Assim eu podia escutar, falar, entender o que estava sendo construído no lugar do livro, aquele vaivém operado entre o leitor e o texto, em que o livro quase sempre faz o leitor se lembrar — por uma razão que não sei explicar — da própria história. O livro era uma espécie de espelho, e sua profundidade de campo e seus contornos não me pertenciam mais.

Mas eu sabia que algum dia tudo aquilo me alcançaria, o número, sim, o número de leitores, de comentários, de convites, o número de livrarias visitadas e de horas passadas no TGV. E que então algo cederia sob o peso de minhas dúvidas e contradições. Eu sabia que algum dia não poderia mais me isentar e que teria de lidar com a medida exata das coisas para pagar minhas dívidas.

No Salão, naquele sábado, dei autógrafos sem parar. Muita gente tinha ido falar comigo, e eu penava para encontrar palavras para agradecer, responder às perguntas, estar à altura do que esperavam. Ouvia minha voz tremer, tinha dificuldade de respirar. O *air bag* não funcionava mais, eu não conseguia mais enfrentar aquilo. Estava permeável. Vulnerável.

Perto das seis da tarde, a fila foi encerrada com a ajuda de uma fita elástica presa a duas hastes, que servia para dissuadir os recém-chegados, obrigados a dar meia-volta. A alguns metros de onde eu estava, ouvi os responsáveis pelo estande explicarem que eu ia parar de assinar, *ela tem que ir embora, vai parar, sentimos muito, ela já vai*.

Depois de dar autógrafos para os que haviam sido considerados os últimos da fila, fiquei ainda alguns minutos no estande para conversar com minha editora e com o diretor comercial. Pensei no trajeto que me esperava até a estação de trem. Sentia-me exausta, poderia ter me deitado no carpete e ficado ali. Estávamos no estande, de pé, e eu me encontrava de costas para os corredores do Salão e para a mesinha em que havia estado alguns minutos antes. Uma mulher se aproximou de nós por trás e me perguntou se eu poderia autografar seu exemplar. Eu me ouvi responder "não", assim, sem hesitar. Acho que expliquei que, se autografasse o livro dela, outras pessoas voltariam a se enfileirar para que eu retomasse as dedicatórias, a fila sem dúvida se formaria outra vez.

Vi em seu olhar que ela não entendeu, que não podia entender, ao nosso redor não havia mais ninguém, os azarados tinham se dispersado, tudo parecia calmo e tranquilo, vi em seu olhar que ela pensava: "Mas quem essa idiota acha que é? O que são um ou dois livros a mais? Não foi exatamente para isso que você veio, para vender e autografar livros? Não vai reclamar agora..."

Eu não podia dizer a ela "Senhora, sinto muito, não consigo mais, estou cansada, não tenho força, disposição, é isso, sei bem que outros aguentam ficar horas sem beber nem comer até que todo mundo seja atendido, fique satisfeito, verdadeiros camelos, com certeza atletas, mas eu, não, hoje não, não consigo mais escrever meu nome, meu nome é uma fraude, uma invenção, acredite em mim, meu nome nesse livro não tem mais valor do que um cocô de pombo que venha a cair por azar na guarda do exemplar".

Eu não podia dizer a ela "Se autografar seu livro, senhora, vou me partir em duas, é isso que vai acontecer, estou avisando, afaste-se, mantenha distância, o minúsculo fio que liga as minhas duas metades vai se romper e eu vou começar a chorar e talvez a berrar, e isso pode ser muito vergonhoso para todos nós".

Fui embora do salão, ignorando o remorso que começava a me invadir.

Peguei o metrô em Porte de Versailles, o vagão estava lotado, mas apesar disso encontrei um assento livre. Com o nariz colado no vidro, comecei a repassar aquela cena, a imagem voltou à minha mente, uma vez, depois outra. Eu tinha recusado um autógrafo àquela mulher, apesar de estar ali, conversando. Não podia acreditar. Senti-me culpada, ridícula, envergonhada.

Escrevo esta cena hoje com tudo que ela contém de cansaço e exagero porque tenho quase certeza de que, se ela não tivesse acontecido, eu não teria conhecido L.

L. não teria encontrado em mim esse território tão frágil, tão instável, tão quebradiço.

Quando era criança, eu chorava no dia do meu aniversário. No instante em que os convidados reunidos começavam a cantar a música tradicional, cuja letra é basicamente idêntica para todas as famílias que conheço, enquanto o bolo com algumas velas era trazido, eu explodia em lágrimas.

Aquela atenção concentrada em mim, os olhares cintilantes que convergiam para onde eu estava e aquela emoção coletiva eram insuportáveis.

Isso não tinha nada a ver com o verdadeiro prazer que eu sentia com o fato de uma festa ser dada em minha homenagem, não apagava em nada minha alegria em receber presentes, mas havia naquele momento exato um tipo de efeito Larsen, como se, em resposta ao barulho emitido por minha causa, eu pudesse apenas produzir outro ruído, ainda mais agudo, uma frequência inaudível e desastrosa. Não sei até que idade essa cena se repetiu (a impaciência, a tensão, a alegria e, depois, eu diante dos outros, remelenta e sem fôlego), mas tenho uma lembrança precisa da sensação que me tomava, *parabéns pra você, nesta data querida*, e da vontade de desaparecer no mesmo instante. Uma vez, quando tinha uns oito anos, eu fugi.

Na época em que festejávamos nossos aniversários na escola (no maternal), lembro que minha mãe escreveu um bilhete para minha professora para pedir que não comemorassem o meu, bilhete que ela leu para mim em voz alta, para me informar, antes de colocá-lo no envelope, e que continha o adjetivo *aparvalhada*, mas eu não sabia o significado. Não tive coragem de perguntar, consciente de que escrever para a professora já era uma atitude excepcional,

um esforço, e tinha por objetivo obter dela um procedimento não menos estranho, um passe livre, em suma, um favorecimento. Na verdade, por muito tempo acreditei que *aparvalhada* tivesse a ver com a extensão do vocabulário de um indivíduo: eu era uma menina *a-palavra-da*, logo, a quem faltava palavras, o que, pelo que entendi, explicava minha incapacidade de comemorar aniversários coletivamente. Assim achei que, para viver em sociedade, era preciso me armar de palavras, nunca deixar de multiplicá-las, diversificá-las, entender suas nuances mais ínfimas. O vocabulário adquirido fabricaria pouco a pouco uma couraça, espessa e fibrosa, que permitiria andar pelo mundo, alerta e confiante. Mas tantas palavras ainda me eram desconhecidas.

Depois, no ensino fundamental, na hora de preencher minha ficha no início do ano, continuei mentindo sobre minha data de nascimento. Eu a atrasava alguns meses, para o meio das férias de verão, por precaução.

Mesmo assim, na cantina ou na casa de amigos, cheguei várias vezes (até em uma idade mais avançada) a engolir ou disfarçar a fava que encontrava, com medo, no meu bolo do Dia de Reis. Anunciar minha vitória, ser objeto, durante alguns segundos, ou até minutos, de algum tipo de atenção por parte dos outros era algo impossível. Deixei de lado bilhetes de loteria premiados, amassados ou rasgados rapidamente no instante em que precisava me identificar para ganhar o prêmio, e, quando estava no quinto ano, até abdiquei de um vale-compras de cem francos das Galeries Lafayette que tinha ganhado na festa de fim de ano. Eu me lembro de ter avaliado a distância que me separava do palco — era preciso chegar lá sem tropeçar, com uma pose natural e descontraída, depois subir alguns degraus e sem dúvida agradecer à diretora da escola — e de ter chegado à conclusão de que aquilo não valia a pena.

Ser o foco, mesmo por um instante, suportar vários olhares ao mesmo tempo, era simplesmente impensável.

Fui uma criança e uma adolescente muito tímida, mas, pelo que me lembro, esse defeito se manifestava, sobretudo, diante de um grupo (ou seja, quando tinha que lidar com mais de três ou quatro pessoas ao mesmo tempo). A turma do colégio, especificamente, era uma expressão de entidade coletiva que nunca deixou de me aterrorizar. Até o fim dos meus anos na escola, fui incapaz de dormir na véspera de provas orais ou de apresentações de trabalhos

e prefiro não comentar todas as estratégias de fuga que desenvolvi durante muito tempo para evitar qualquer possibilidade de falar em público.

Por outro lado, ainda bem pequena, acho que demonstrava certa tranquilidade nos encontros cara a cara, com apenas uma pessoa, e uma verdadeira capacidade de conhecer o Outro quando ele ganhava a forma de um indivíduo e não de um grupo, de me ligar a ele. Aonde quer que tenha ido, onde quer que tenha ficado algum tempo, sempre encontrei alguém para brincar, conversar, rir, sonhar, por onde quer que tenha passado encontrei amigos e amigas e estabeleci relacionamentos duradouros, como se tivesse percebido muito cedo que minha preservação afetiva seria mantida naquela situação. Até que encontrei L.

Naquele sábado, ao sair do Salão do Livro, eu havia planejado correr para a estação, encontrar no campo o homem que amo e passar com ele a noite e o dia seguinte. François tinha ido para Courseilles na véspera, como quase todo fim de semana. Com o passar dos anos, a casa, que ele havia acabado de comprar quando o conheci, tornou-se seu refúgio, seu acampamento entre trincheiras, e sempre que o vejo passar pela porta na sexta-feira à noite, soltando um alto suspiro de prazer ou de alívio, penso nos telefones sem fio que colocamos na base quando descarregam, naquele pequeno bipe de satisfação que emitem. As pessoas que convivem conosco sabem quanto aquela casa é a base do equilíbrio dele e como é raro conseguir tirá-lo de lá.

François me esperava. Tínhamos combinado que eu ligaria quando pegasse o trem que para em todos os cantos e em algum lugar em campo aberto, a alguns quilômetros de Courseilles.

Quando o metrô parou na estação Montparnasse, hesitei. Sem dúvida me levantei, mas não desci. Sentia-me preocupada demais para viajar. Indisponível. O incidente do Salão havia revelado, de uma só vez, minha exaustão, meu estado de tensão, de fragilidade, com o qual François se preocupava, e que eu tinha dificuldade de admitir. Continuei meu caminho até o décimo primeiro *arrondissement*. Mandei uma mensagem de texto para avisá-lo que iria à minha casa e ligaria mais tarde.

Quando cheguei ao meu bairro, parei no mercado Super U. Como meus filhos estavam passando o fim de semana na casa do pai e François estava no

interior, durante o trajeto surgiu o plano de uma noite tranquila, uma noite de silêncio e solidão. Era exatamente daquilo que precisava.

Eu perambulava pelos corredores do pequeno mercado, uma cesta vermelha de plástico pendurada no antebraço, quando ouvi alguém me chamar. Nathalie estava atrás de mim, alegre, pouco surpresa. Nós nos encontramos várias vezes por ano no Super U do nosso bairro. Por causa disso, esses encontros fortuitos se tornaram uma espécie de piada repetitiva em que cada uma tem apenas que fazer seu papel: damos gargalhadas, nos abraçamos, é mesmo uma loucura, que coincidência, eu nunca venho a essa hora, nem eu.

Conversamos por alguns minutos diante da seção de iogurtes. Nathalie também passara a tarde autografando exemplares no Salão e dando uma entrevista sobre *Nous étions des êtres vivants*, seu último livro. Tinha pensado em ir me ver no estande da minha editora, mas ficara sem tempo e preferira voltar logo para casa, pois havia sido convidada para uma festa naquela noite, aliás, descera até o Super U para comprar uma garrafa de champanhe. Como, em menos de três segundos, aceitei acompanhá-la a essa festa, apesar de, um segundo antes, estar feliz por poder ficar sozinha, não lembro.

Antes de conhecer François, há alguns anos, passei algumas noites com Nathalie e outra amiga, Judith. Éramos as três mais ou menos solteiras e queríamos nos divertir. Chamávamos essas noites de *JDN* (Judith, Delphine, Nathalie). As *JDN* consistiam em uma de nós ser convidada, junto com as outras duas, às festas mais diversas (aniversários, *open houses*, jantares de fim de ano) ou até mesmo ir aos lugares mais inusitados sem que nenhuma de nós tivesse sido convidada. Assim, conseguimos nos infiltrar em inaugurações de associações, bailes de *musette*, festas de despedida de empresa e até em um casamento em que nenhuma das três conhecia os noivos.

Adoro festas, mas quase sempre evito os chamados *jantares sociais* (não estou falando de jantares entre amigos, estou falando dos jantares em que o caráter mundano é relativamente admitido). Essa reticência se deve ao fato de eu ser incapaz de me adaptar às regras exigidas nesse tipo de reunião. Parece que toda a minha timidez ressurge de uma só vez. Volto a ser a menina ou a jovem ruborizada que, incapaz de participar de maneira natural e fluida da conversa, era tomada pela sensação horrível de não estar à altura, de não estar no lugar certo; aliás, na maior parte do tempo, quando há mais de quatro convidados em um lugar, fico muda.

Com o passar do tempo, acabei entendendo — ou talvez seja um álibi que torna as coisas aceitáveis — que a relação com o Outro só me interessa a partir de certo grau de intimidade.

As *JDN* foram ficando cada vez mais raras e depois terminaram, não sei mais muito bem por quê. Talvez simplesmente porque nossas respectivas vidas tenham mudado. Naquela noite, no Super U, aceitei o convite de Nathalie porque pensei que uma festa me daria a oportunidade, que havia se tornado tão rara, de dançar (pois, apesar de ainda morrer de medo de ter que me sair bem em um jantar, sou capaz de dançar sozinha em uma festa em que não conheço ninguém).

Tenho consciência de que esses detalhes podem dar a impressão de que estou me desviando da história, de que me afasto sob o pretexto de descrever o contexto ou o cenário. Mas não. A sequência de fatos me parece importante para entender como conheci L., e, sem dúvida, durante essa história, terei que voltar a um passado ainda mais distante para tentar explicar o verdadeiro desafio produzido por esse encontro.

Dada a desordem que ela engendrou em minha vida, acho importante definir o que tornou possível esse domínio de L. sobre mim e, sem dúvida, o meu sobre L.

Aliás, eu estava dançando quando L. surgiu e, pelo que me lembro, nossas mãos se esbarraram.

# L. É O PESADELO DE TODO ESCRITOR.

## O TIPO DE PESSOA QUE NINGUÉM DESEJARIA QUE CRUZASSE SEU CAMINHO.

ESTE LIVRO É O RELATO DO ENCONTRO DA ESCRITORA DELPHINE COM A *GHOST-WRITER* L.

ISBN 978-85-8057-939-0
9 788580 579390
www.intrinseca.com.br